



I PRÊMIO CULTURA DA DANÇA DE SALÃO

ANO DO BICENTENÁRIO



BAILE

16 de JULHO

SÁBADO

HELÊNICO A. C.
R. ITAPIRU 1305
RIO COMPRIDO

Abertura às 14h
Exposição
Stands de produtos de dança
Apresentações
Entrega do troféu do
bicentenário
da dança de salão
no Brasil
Baile com
Banda Novos Tempos

EXPOSIÇÃO

4 a 29 JULHO

Visite a exposição sobre os
200 anos de ensino da
dança de salão
no Brasil
Segunda a sexta - entrada franca

Centro de Artes
Calouste Gulbenkian
R. Benedito Hipólito 125 - Praça Onze
de 4 a 13/7 e de 25 a 29/7

Helênico A. C.
R. Itapiru 1305 - Rio Comprido
de 14/7 a 23/7

Visita guiada para
grupos agendados

Inf. (21) 2535-2377

Projeto Prêmio Cultura da Dança de Salão
Ed. 2011 - Ano do Bicentenário
www.premioculturadancadesalao.blogspot.com



Coordenação do projeto: Valdeci de Souza
Pesquisadora / projetista: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva
Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção Cultural: Taissa Dallarosa



Jornal Falando de Dança

Ed. nº 46 - Ano IV - JUL/2011 - Especial I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Projeto *I Prêmio Cultura da Dança de Salão* *Apresentação*

Em décadas de atividade como produtor de eventos, professor de dança e ator, pude constatar uma ambigüidade no que diz respeito à cultura da dança de salão. Enquanto cultura viva, ela é praticada em clubes tradicionais em todo o país e, especificamente, no estado do Rio de Janeiro, onde ela surgiu com suas características atuais. Todo clube social que preza por esse nome tem ao menos uma domingueira dançante reunindo sócios, familiares e amigos. Principalmente no interior, ainda subsiste o costume de se promover grandes bailes de debutantes, casamentos e formaturas, sendo prática atual, já diversas vezes noticiada em jornais e revistas, a substituição da tradicional valsa por números coreografados de dança de salão. Na capital fluminense, é notória a adesão de jovens e adultos ao forró praticado no Centro de Tradições Nordestinas e casas especializadas. Assim como é notória a revitalização da velha Lapa focada no chorinho, no samba e no já mencionado forró. E as principais emissoras de TV transmitem com grande sucesso de audiência quadros de danças de par.

O outro lado da moeda a que me referi no início deste discurso é que, apesar disso tudo, a grande massa ainda vê com preconceito a prática dessa modalidade de dança! É comum vermos em filmes e novelas casais de idade praticando a dança de salão, enquanto que jovens aparecem praticando dança solta, como se as duas formas de dança de par pertencessem a gerações distintas.

Lembro-me de uma campanha relativamente recente, de uma estação de rádio, que se propunha a ter programação eclética. Nos outdoors e letreiros de bancas de jornal, isso era representado por diferentes figuras: a passista, o jovem roqueiro, a forrozeira... E o casal de velhinhos de rosto colado!

Sim, é verdade que a dança de salão é muito praticada pela terceira idade, desde quando a medicina constatou suas vantagens como exercício aeróbico e para o desenvolvimento da autoestima. Mas também é verdade que a cultura da dança de salão está bem viva entre os jovens que, talvez intimidados pelo preconceito, evitam frequentar os grandes clubes e preferem a discrição dos pequenos salões das academias de dança ou bares que se transformam em redutos dessa arte.

Por isso acredito que, no ano em que o ensino da dança de salão está comemorando 200 anos de existência, é imprescindível que não se deixe passar essa oportunidade única de tentar desmistificá-la e, ainda, valorizar a iniciativa daqueles que, de forma muitas vezes anônima, contribuíram e contribuem para sua propagação. Acredito firmemente que o impacto social e local, com a divulgação do evento junto à grande mídia e, consequentemente, atingindo a grande massa, trará resultados positivos para essa manifestação cultural e para aqueles que orbitam em torno dela.

O I Prêmio Cultura da Dança de Salão, com a divulgação de sua história, seus artistas, empreendedores e beneméritos, pretende estabelecer uma relação de respeito e admiração por essa arte junto ao grande público.

Valdeci de Souza
Coordenador do Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Projeto

I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Edição do Bicentenário

O projeto pode ser resumido como um evento ímpar de fomento à cultura da dança de salão, com destaque, este ano, para a COMEMORAÇÃO DOS 200 ANOS de introdução dessa manifestação cultural no Brasil, tendo como marco a publicação do primeiro anúncio de aulas de dança social a qualquer integrante da sociedade local, em 13 de julho de 1811. O projeto visa propiciar o encontro das mais atuantes personalidades da comunidade da dança de salão do estado do Rio de Janeiro e prestará homenagem àqueles que de alguma forma contribuíram para que essa manifestação cultural, de grande importância histórica no desenvolvimento socioeconômico do nosso estado, permanecesse como cultura viva e fosse irradiada para os demais estados da federação. A homenagem será em forma de oferecimento de troféus e medalhas, especialmente desenhados com o tema histórico deste ano.

O I Prêmio Cultura da Dança de Salão tem como carro-chefe de divulgação a exposição “200 anos de ensino de dança de salão no Brasil”, inaugurada dia 1º de julho no Centro de Artes Calouste Gulbenkian com o apoio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da secretaria municipal de cultura e da secretaria municipal de educação.

Dia 16 de julho é a data da entrega do Prêmio Cultura da Dança de Salão, no Helênico Atlético Clube, localizado no bairro do Rio Comprido. Destacando o ano do bicentenário do ensino da dança de salão no Brasil, os convidados à cerimônia de premiação assistirão a apresentações de dança de salão; verão a exposição sobre os 200 anos, temporariamente remanejada do Centro de Artes Calouste Gulbenkian para a ocasião; e poderão conhecer e/ou adquirir produtos ligados à dança de salão nos stands dos apoiadores do evento. Caracterizando a manifestação cultural que representa, a cerimônia incluirá baile com a Banda Novos Tempos.

A primeira edição do Prêmio Cultura da Dança de Salão marca os eventos comemorativos dos 200 anos do ensino de dança de salão no Brasil, que estão sendo planejados dentro desse segmento cultural, numa rara oportunidade de valorizar iniciativas que articulam cultura e inserção social no campo das artes, especialmente desta que é PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, conforme Lei Estadual 5828/2010.

Patrocínios e apoios:

O Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão tem coordenação geral de Valdeci de Souza e equipe; patrocínio do Governo do Estado do RJ, através da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, e do Jornal Falando de Dança; e os apoios da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Educação e da Secretaria Municipal de Cultura, representada pelo Centro de Artes Calouste Gulbenkian; do Sindicato dos Profissionais de Dança do RJ - SPDRJ; da Associação dos Profissionais e Dançarinos de Salão do RJ - APDS/RJ; da Associação Nacional de Dança de Salão - Andanças; e do Helênico Atlético Clube.

Na divulgação, teve o apoio do site Agenda da Dança de Salão Brasileira, de Marco Antonio Perna; do site Momentos de Tango, de Elza Moreira; do site Dance a Dois; da revista eletrônica Dança em Pauta (MG); do Jornal Dance (SP); dos sites Conexão Aluno e Conexão Professor da Secretaria de Estado de Educação; da TV Brasil e do SBT; da 1+1 Assessoria; além da atuação da assessora de imprensa do projeto, Juliana Prestes.

Na parte da exposição, o projeto teve o apoio da Multiritmos Produções e Eventos (bebidas do coquetel de inauguração); da Revista de História da Biblioteca Nacional (que forneceu exemplares para distribuição aos grupos escolares); de Glorinha Telles (decoração da sala e cessão de objetos que compuseram as atividades interativas); de Anderson Aragão (tecnologia da informática); de João Batista (estruturas dos painéis e montagem do jogo interativo da exposição, dentre outras contribuições).

Na parte das atividades interativas desenvolvidas com grupos escolares visitantes, o projeto contou com a atuação de estagiários de produção cultural (UFF), História (Univ. Estácio de Sá) e Dança (Projeto Comunidade – EEFD – UFRJ); de cursistas do CQID do SPDRJ; dos profs. Aletheia Hoppe e Gustavo Loivos e bolsistas da Amazonas Dance (Niterói); dos profs. Henrique Nascimento e Elaine Novaes, do Studio de Dança Henrique Nascimento. Menção especial à professora Marilza Borges, que atuou na coordenação dos turnos escolares.

Na parte do baile, o projeto teve o apoio da diretoria e equipe de funcionários do Helênico Atlético Clube, de parte dos voluntários que atuaram na exposição e de Aparecida Belotti, responsável pelo buffet de chá.

I Prêmio Cultura da Dança de Salão Baile do Bicentenário e homenagens

No dia 16/07/11, sábado, a partir das 14h, os convidados serão recepcionados e conduzidos ao pátio interno do Helênico Atlético Clube, onde poderão apreciar a exposição sobre os 200 anos da dança de salão no Brasil, remanejada temporariamente do Centro de Artes Calouste Gulbenkian e instalada em salão anexo ao salão de baile. Também poderão interagir com os displays que integram a exposição, representando dançarinos homenageados pelo projeto, com os quais serão convidados a formar par e posar para a equipe fotográfica do evento.

Ainda no pátio interno, poderão circular pelos stands de artigos de vestuário, calçados e acessórios para a dança de salão, e literatura e mídias digitais sobre dança. Haverá também um stand com produtos da linha de souvenir do projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão.

Cada convidado receberá gratuitamente à entrada publicação sobre o projeto, contendo a reprodução dos painéis informativos da exposição “200 anos de ensino de dança de salão no Brasil”, com textos sobre a historicidade da dança de salão.

Simultaneamente, o salão nobre do clube estará à disposição, com som de música mecânica, para quem quiser se acomodar às mesas ou dançar. Antes do início oficial da cerimônia, o projeto prestará homenagens a líderes das caravanas de outros municípios e estados, a academias de dança, promoters e profissionais ligados ao segmento da dança de salão.

Aproximadamente às 16h, será iniciado oficialmente o Baile do Bicentenário, com a Banda Novos Tempos e a execução do Hino Nacional - isso por aproximadamente duas horas, tempo para que autoridades e convidados de honra cheguem e também se acomodem às mesas. Em seguida, um mestre de cerimônia tomará da palavra para cumprir o seguinte roteiro: continuação das homenagens, com a entrega do TROFÉU DO BICENTENÁRIO, intercalada com apresentações de dança e entrega de diplomação e medalhas do bicentenário à equipe e aos colaboradores do projeto. Por fim a banda reiniciará o baile comemorativo e será servido um buffet de chá. O evento se encerrará entre 20 e 21h.

Prêmio Cultura da Dança de Salão / Troféu do Bicentenário

Em sua primeira edição, o Prêmio Cultura da Dança de Salão contemplará com o Troféu do Bicentenário as seguintes instituições e personalidades da dança de salão:

Secretária de Cultura do Estado do RJ, Adriana Rattes
Deputado federal Alessandro Molon, autor da Lei 5828/2010
Clube dos Democráticos, fundado em 1867
Gafieira Elite, fundada em 1930
Gafieira Estudantina Musical

Annibal e Elza “Casal 20”, representando a categoria promotores de bailes
Mário Jorge Messias Mattos, categoria personagens da nossa história

Maria Antonietta Guaycurus de Souza, in memorium
Carlinhos de Jesus, mestre de dança de salão
Jaime Arôxa, mestre de dança de salão
Jimmy de Oliveira, mestre de dança de salão

Leonor Costa, curadora da exposição “200 anos de ensino de dança de salão no Brasil”
Jornal Falando de Dança, co-patrocinador do I Prêmio Cultura da Dança de Salão
Valdeci de Souza, coordenador do I Prêmio Cultura da Dança de Salão

I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Exposição “200 anos de ensino de dança de salão no Brasil”

Existe uma história da dança social, hoje conhecida como dança de salão, que começa quando a nobreza europeia sofisticava as danças praticadas pelas classes populares, estabelecendo normas de conduta, comportamento, marcações de passos, movimentos básicos conforme o tipo de música, e regras de etiqueta para a formação dos pares.

Enquanto na Europa a dança social fazia parte do entretenimento das classes abastadas, o que havia no Brasil, enquanto colônia portuguesa, eram, além das danças indígenas, danças de pares afastados, trazidas pelos colonizadores e pelos escravos africanos.

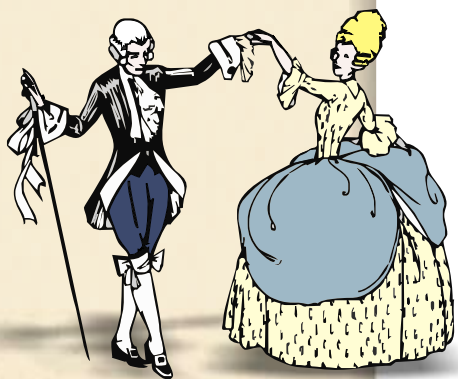
Tudo mudou quando a corte portuguesa se instalou no Rio de Janeiro no início do século XIX e um de seus professores de dança passou a oferecer aulas para os integrantes da sociedade local. A partir daí, a dança praticada pela nobreza se mesclou com os ritmos e formas de danças populares e passou a fazer parte do cotidiano da cidade, provocando transformações socioculturais que formaram o embrião da intensa vida social da cidade do Rio de Janeiro, transformando-a em polo cultural.

Examinando-se a dança de salão dentro desse contexto, ela deixa de ser mera expressão estética ou musical, para ser um reflexo das condições políticas, econômicas e socioculturais pelas quais o país passou após a fase colonial, abrindo-se um leque de compreensões em relação às características de um povo.

Apesar do exposto, a história e a importância dessa modalidade de dança são pouco conhecidas pela maioria da população, principalmente as novas gerações. A exposição é, portanto, uma homenagem a uma das manifestações culturais mais antigas do Brasil. Seu formato, que incluiu projeção de vídeos e slides com narrativa e oficinas de dança, pretende fazer com que crianças, adolescentes e jovens adultos percebam de forma lúdica a evolução sociocultural que desencadeou.

A exposição “200 anos de ensino de dança de salão no Brasil” foi projetada em materiais leves e de fácil compactação, de forma a permitir que ela se torne itinerante e se constitua em programa de difusão cultural para a população fora do núcleo central da capital fluminense, oferecendo informação, lazer e entretenimento, dentro de uma proposta plural – artes visuais –, integrada a uma unidade temática – a dança de salão.

Leonor Costa
Curadora



Casal dançando o **minueto**. Até o início do século 19, essa dança de pares afastados ainda era muito apreciada nas cortes europeias. Originária de danças populares, ela foi refinada até tornar-se uma coreografia complexa, cheia de medidas e passinhos miúdos (daí a origem do nome). Com o surgimento da valsa, foi gradativamente perdendo adeptos até desaparecer dos salões
(imagem trabalhada sobre iconografia da wikimedia commons)

Exposição 200 anos de ensino de dança de salão no Brasil

capítulo 1

Com o primeiro baile realizado na corte portuguesa recém instalada no Brasil, estava dada a largada para o Rio de Janeiro tornar-se a capital cultural do país

Quando o príncipe-regente de Portugal transferiu-se com sua corte para a capital de sua mais rica colônia, fugindo das tropas do invasor francês Napoleão Bonaparte, o Rio de Janeiro era uma cidade pouco desenvolvida, isolada do mundo, sem fábricas, sem grande comércio, sem grandes opções de lazer.

Enquanto escravos e classes mais pobres se divertiam nas ruas cantando e dançando quando podiam, as famílias mais abonadas tinham praticamente como único divertimento a ida a igrejas e festas religiosas.

Com ruas cortadas por valas de esgoto a céu aberto, mal calçadas e enlameadas, além de habitadas por gente de baixa estirpe, as mulheres, particularmente, ficavam confinadas em suas casas. Dizia-se, na época, que a mulher de boa família só saía de casa por três vezes durante toda sua vida: para ser batizada, para se casar e para ser enterrada.

Pode-se imaginar, então, o êxtase que foi a chegada de milhares de pessoas em 1808, compostas por membros da realeza, fidalgos, agregados e, logo após, uma grande leva de comerciantes e suas famílias. Estes últimos aqui chegaram porque, tão logo aportou na Bahia, numa escala antes de chegar ao Rio, dom João decretou a “abertura dos portos para as nações amigas”. Com isso, o Rio de Janeiro ganhou grande movimento com a intensificação do comércio e muitas famílias estrangeiras se estabeleceram aqui para prosperar seus negócios. Agora pense, caro leitor, toda essa multidão procurando com o que se distrair!



Casais dançando **valsa**, em gravura do século 19. A valsa custou a ser aceita pela aristocracia europeia, vista como indecente, por permitir demasiada aproximação de corpos. O “gelo” começou a ser quebrado quando o compositor austríaco Sigismund Neukomm incluiu uma composição de valsa na apresentação que organizou para a nobreza reunida no Congresso de Viena, em 1815. No ano seguinte, Sigismund veio ao Brasil em visita e acabou sendo convidado a ministrar aulas de música aos filhos de dom João VI. A dom Pedro I ele deu aulas de harmonia e composição, o que sugere que nossas primeiras valsas tenham sido compostas pelo primeiro imperador do Brasil.
(imagem de domínio público extraída da biblioteca digital do congresso americano)

Largo do Paço (atual Praça XV), em gravura de Debret, artista integrante da missão artística francesa de 1816, e que lecionou pintura na Academia Imperial de Belas Artes. Foi no Largo do Paço que dom João e comitiva desembarcaram em março de 1808. Ele, dona Carlota e os filhos foram acomodados no terceiro piso do então Palácio do Vice-Rei (a esq.); a rainha dona Maria e acompanhantes foram instalados no Convento do Carmo (ao fundo); enquanto que os demais integrantes da corte eram instalados em casas confiscadas para esse fim. Foi provavelmente no agora Paço Real que aconteceu o primeiro baile da corte
(acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão
Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taissa Dallarosa

Aulas de dança no salão para brilhar capítulo 2

As formas mais frequentes de entretenimento da nobreza e classes abastadas na Europa eram os saraus, bailes, óperas e ballets, e aqui não foi diferente.

Em Portugal, dom João mantinha uma orquestra permanente e uma companhia de ballet como forma de entreter a família e a corte. Uma vez instalado no Brasil, o príncipe-regente ordenou a vinda de Pedro Colonna, maestro de dança responsável pelos espetáculos na Capela Real, o que aconteceu em 1810.

Para ministrar aulas de música aos filhos e compor músicas para a Capela Real, dom João também mandou vir o mestre de música Marcos Portugal, que passou a supervisionar e dirigir os teatros públicos. E, para compor as danças, veio com ele o francês Luís Lacombe, dançarino e coreógrafo, nomeado Compositor de Danças e Maestro de Danças da Casa Real.

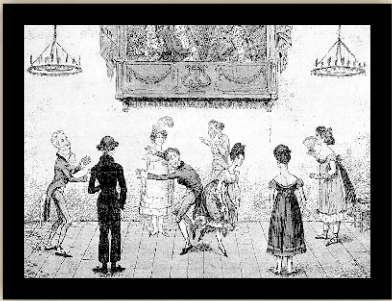
Lacombe foi o responsável pela primeira coreografia de ballet de que se tem notícia no Brasil e autor do primeiro anúncio de aulas de dança “a qualquer pessoa civilizada” da cidade, em julho de 1811.

Considerando-se que este foi o primeiro registro de aulas fora do ambiente da corte, e feito por pessoa oficialmente nomeada para exercer a função de professor de dança, comemoramos, em 2011, o bicentenário do ensino de dança de salão no Brasil!

Em pouco tempo, a quantidade de alunos interessados em aprender a dançar era tão grande que Lacombe teve que mandar vir o irmão Lourenço e demais membros da família para ajudá-lo na empreitada. Lourenço, aliás, se tornaria o professor de dança de dom Pedro II (foi nomeado em 1833 e faleceu no Rio em 1867).

No caminho aberto por Luís Lacombe e seus irmãos, vieram vários professores de etiqueta e danças sociais, para suprir a demanda da crescente sociedade local, que não queria fazer feio nas reuniões sociais e nos bailes.

Abaixo: em gravura de Debret, **Teatro Real**, na Praça do Rossio (atual Praça Tiradentes), tendo em primeiro plano o pelourinho. Aqui o artista retrata o momento em que dom João VI vai à sacada do Teatro Real aclamar a constituição provisória de Lisboa em 1821 (uma das consequência da instabilidade política em Portugal que acabaria por obrigá-lo a deixar o Brasil e voltar para a metrópole). Dom João VI gostava de música e dança e durante sua permanência no Brasil sustentou muitos artistas e promoveu o desenvolvimento cultural da cidade. Em torno da Praça do Rossio desenvolveu-se intensa atividade cultural, com surgimento de teatros de revista, cafés e operetas. Além de ópera e ballet, no Teatro Real (depois teatro São João, teatro Pedro de Alcântara e, por fim, João Caetano) se apresentavam casais de dançarinos que mostravam as últimas novidades em danças de salão da Europa. (acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)



Casais dançando a **quadrilha**. De ritmo rápido e alegre, a quadrilha era muito apreciada nos bailes da corte, principalmente nas comemorações de casamentos. Para dançar quadrilha, formavam-se 4 casais, que executavam movimentos coreografados sob o comando de um líder. (fonte: Wikimedia Commons)

Abaixo: Anúncio de Luís Lacombe* publicado na Gazeta do Rio de Janeiro, em 1811, anunciando aulas de dança (acervo: Fundação Biblioteca Nacional - Brasil) (*) A grafia do nome no anúncio não corresponde aos registros históricos, suponde-se ser erro do tipógrafo.



AVISOS.
Luiz Lacombe, Professor de Dança, ultimamente chegado ao Rio de Janeiro, tem a honra de annunciar a todas as pessoas civilizadas desta Cidade, que elle se propõe ensinar todas as qualidades de Danças proprias nas sociedades: todas as pessoas que lhe quizerem fazer a honra de tomar as suas lições, o poderão procurar na rua do Onvidor, n. 82, 3.º andar.
Quem quizer comprar huma morada de Casas na rua da Cadêa, n. 62, defronte do Sargento: falle



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salao
Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa



Em gravura de Debret, dama sendo transportada em **cadeira de arruar** (isto é, cadeira de ir à rua). O Rio antes da chegada da corte tinha ruas enlameadas ou mal calçadas que dificultavam o transporte e as pessoas se locomoviam a pé ou carregadas em redes por escravos. Somente os nobres e suas esposas podiam usar o transporte em cadeiras, permitindo que chegassem aos eventos sociais sem se sujarem pelo caminho. Após sua chegada à cidade, dom João autorizou o uso desse transporte por todos aqueles que pudessem pagar por ele (ou ter escravos para carregá-los). Mais tarde, com a melhora do calçamento das ruas, as carruagens importadas começaram a circular pela cidade.

(acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)



Outra gravura de Debret, registrando os trajes de duas damas da corte. Com a liberação do comércio, a Rua Direita (hoje 1º de Março) e a Rua do Ouvidor se encheram de lojas de artigos importados para vestir e adornar os que queriam ostentar posição social e se vestir como os nobres. Para as mulheres não podia faltar, na composição do visual, as luvas longas, o leque e muitas joias. Relatos de viajantes dão conta de que nas óperas e bailes da corte as mulheres desfilavam com as últimas novidades em termo de moda.

(acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)

Muitos Saraus e bailes nos salões reais

Capítulo 3

Grande era o empenho para se destacar mais que os outros nas festividades da corte. Havia quem alugasse jóias, trajes de gala, carruagem e até escravos para chegar em grande estilo aos eventos sociais.

A agitação dos curiosos e o barulho do intenso comércio que se desenvolvia em torno do Paço incomodavam a família real. Dona Carlota Joaquina, então, foi residir com seu séquito na esquina das atuais rua Marquês de Abrantes e Praia de Botafogo. Já dom João ganhou de um rico comerciante a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão. A mudança dos membros da realeza para esses dois locais fez a cidade se expandir nessas direções, com chácaras e palácios de pessoas que queriam ficar perto deles e frequentar as recepções palacianas.

Aliás, ter título de nobreza e poder frequentar a corte era o sonho de consumo dos emergentes da época. A disputa pela atenção do príncipe-regente e por um convite para algum acontecimento da casa real (notadamente batizados, aniversários e casamentos) inflava a vaidade de dom João que, longe das pressões políticas da metrópole, encontrara aqui um local que muito lhe agradava.

Assim é que, mesmo com Napoleão derrotado na Europa, dom João fazia de tudo para adiar o retorno da corte à Portugal. Conseguiu por 13 anos. Mas, com a morte da rainha dona Maria I, e sua coroação como rei dom João VI, as agitações políticas em Portugal ameaçavam a estabilidade da Coroa e ele teve de partir.

Conta-se que, enquanto dona Carlota Joaquina estava eufórica com a partida (lembra-se daquela aula de história, sobre ela sacudir os sapatos ao embarcar, dizendo que nem terra daqui queria levar?), dom João estava triste e melancólico. Ao contrário da sua chegada, na partida não houve cidade enfeitada nem festejos nas ruas.

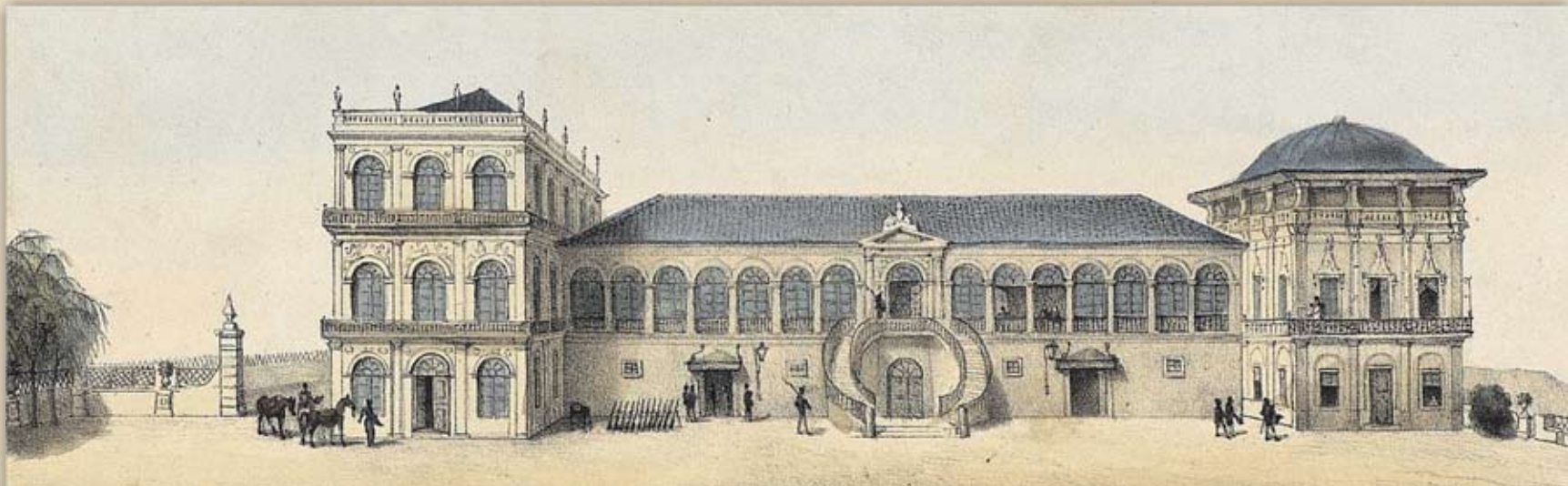


Programa concorridíssimo na cidade era comparecer à cerimônia do beija-mão, quando os cidadãos tinham o privilégio de entrar na sala do trono e reverenciar sua alteza real. Mas a maior conquista para os que almejavam melhor posição social era receber convite para uma cerimônia festiva no palácio. Outra motivação para recepções e bailes eram as apresentação de credenciais de representantes de governo e boas vindas a oficiais das esquadras que aportavam no Rio de Janeiro. Neste momento eternizado por Debret, vemos a sala do trono com dom João sendo aclamado Rei de Portugal, após a morte da mãe, dona Maria I.

(acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)

Abaixo: em gravura de Debret, **Paço de São Cristóvão**, na Quinta da Boa Vista (atual Museu Nacional), retratado, da esquerda para a direita, nos anos de 1808, 1816, 1822 e 1831, mostrando sua transformação de residência de campo a palácio imperial. Para facilitar o acesso ao novo palácio, antes pelo mar, foram aterradas várias áreas alagadiças. O intenso movimento para os eventos reais originou o primeiro transporte público da cidade: uma linha de diligências, em 1817, que ligava o Largo de São Francisco, no Centro, ao Paço de São Cristóvão (Largo da Cancela) e à Fazenda Real de Santa Cruz (onde se chegava após mais de 5 horas de viagem). O palácio de São Cristóvão abrigou concorridos saraus e bailes, além de recitais.

(acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salao
Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa



Durante o 2º Reinado, os bailes eram programas bastante concorridos e o imperador dom Pedro II comparecia a muitos deles, sobretudo nos realizados no Cassino Fluminense aonde também iam sua filha, princesa Isabel, e o marido, conde D'Eu. O prédio dessa sociedade dançante existe até hoje no Passeio Público: foi sede do famoso Automóvel Clube. Outro clube do tempo do Império é o famoso Clube dos Democráticos (foto), situado na Rua Riachuelo e em plena atividade, com programação dançante todos os dias da semana, sendo seu baile social o mais antigo da cidade (o clube completou 144 anos em 2011).

(fachada e interior do Clube dos Democráticos: acervo Jornal Falando de Dança)

No século 19 e início do século 20 existiam as cadernetas de bailes: as damas recebiam um impresso contendo, de um lado, a relação das músicas que a orquestra executaria e, de outro, um espaço em branco para anotar o nome do cavalheiro da vez. O costume originou o gracejo eternizado em música: "quero meu nome no seu caderninho".

Muitos bailes nas sociedades dançantes capítulo 4

O retorno de dom João VI para Portugal abalou a programação dos teatros e óperas da cidade, cujos artistas enfrentaram dificuldades com o corte no orçamento e o fim do patrocínio real. Mas a vida social não só prosseguiu como se intensificou quando, mais tarde, dom Pedro I, também pressionado a retornar à Portugal, decide ficar e proclamar a independência do Brasil, em 1822.

O Rio de Janeiro, agora capital do Império do Brasil, passa a receber diplomatas e grandes comerciantes, e os nobres e famílias abonadas que aqui permaneceram encontram mais motivos para festas. A cada apresentação de credenciais diplomáticas, se seguia um baile. Visitantes ilustres motivavam bailes. A chegada de armadas estrangeiras em visita à cidade era motivo para bailes de boas vindas em terra e bailes de retribuição a bordo.

O imperador dom Pedro I, claro, era a figura principal em tais eventos. E não se restringia a eles. Notório boêmio e conquistador, não raro saía disfarçado para curtir noitadas com seus serviçais.

Seu filho, dom Pedro II, também era tido como pé-de-valsa na juventude e foi durante seu reinado que uma nova leva de professores de dança chegou à cidade, já famosa em todo o país por seus bailes, muitos realizados em clubes especialmente fundados com esse propósito, chamados de "sociedades dançantes". No 2º Reinado, havia muitas delas, que ensinavam danças e promoviam bailes, reuniões e recitais. Saber dançar era tão importante na vida social de então que nos colégios para moças as aulas de etiqueta incluíam danças sociais. Afinal, quem não soubesse dançar bem corria o risco de, nos bailes, ficar com sua caderneta de dança vazia e tomar "chá de cadeira".

Dom Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina compareciam às sociedades dançantes e promoviam saraus tanto no Paço da Quinta da Boa Vista como no Palácio Imperial de Petrópolis. Aos poucos, porém, talvez devido às consequências do diabetes que o acometia, dom Pedro II foi diminuindo sua frequência aos bailes, sendo substituído nos eventos pela presença animada da princesa Isabel e de seu marido, o conde D'Eu.

A família imperial, no entanto, estava junta no último baile do império, o famoso Baile da Ilha Fiscal. Ao tropeçar na entrada do salão, dom Pedro II teria brincado: "O imperador tropeçou, mas o Império não caiu". Cinco dias depois, era proclamada a República.



LIÇÕES DE DANÇA.
Tendo chegado a esta corte Philippe Caton, o sua mulher, tem a honra de participar ao respeitável publico que pretendem dar lições de dança, tanto na sua casa, como em casas particulares; e também darão lições em hui ou dous collegios; advertem que ensinão todas as danças do costume, e os mais bonitos boleros do sala, minuets, o minuetes del Montenero de diferentes modos, como se usa em Montevideo e Buenos-Ayres. Para esse fim, as pessoas que gostarem queirão dirigir-se à praça da Constituição, subrado n. 16, a falar com dito o Caton.



A fama de cidade festeira atraía muitos dançarinos que se apresentavam nos teatros de revista e cabarés, assim como professores de dança que ensinavam a domicílio, em suas casas ou nos colégios. Na foto acima, o anúncio do professor francês Philippe Caton, de 13-10-1840. (acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil)



As anotações das danças podiam vir em material mais original, como nas fotos acima, do site da Ephemera Society, da Inglaterra. Dedicado a dar publicidade a itens de efemérides, em agosto de 2009 ele divulgou um leque de baile onde, no verso, havia o nome das músicas e espaço para a anotação do nome do cavalheiro que fizesse o convite para a dança. Pelos vistos, a dona do leque era boa dançarina, pois preencheu todas as lacunas. Ao contrário da portadora do carnê ao lado, pertencente ao acervo da biblioteca do congresso americano.



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Coordenação do projeto: Valdecir de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa

Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão



Chiquinha Gonzaga, compositora, instrumentista, regente, em três fases de sua longa e produtiva vida, em montagem feita pelo site www.chiquinhagonzaga.com. O site oficial resume bem sua importância para o país, e não só na dança e na música: “maior personalidade feminina da história da música popular brasileira e uma das expressões maiores da luta pelas liberdades no país, promotora da nacionalização musical, primeira maestrina, autora da primeira canção carnavalesca, primeira pianista de choro, introdutora da música popular nos salões elegantes, fundadora da primeira sociedade protetora dos direitos autorais”



A resistência em aceitar o maxixe nos salões foi diversas vezes ironizada pelos periódicos da época, como podemos constatar nas duas charges publicadas em 1914, na revista Careta* (1ª e 3ª foto abaixo). Foi também motivo de escândalo a nível nacional: em 1914 Nair de Teffé, esposa do então presidente da república, Hermes da Fonseca, tocou, numa recepção no Palácio do Catete (foto acima), o maxixe Corta-Jaca, de sua amiga Chiquinha Gonzaga, o que foi muito criticado pelos jornais.

(*) revista Careta: acervo Fundação Biblioteca Nacional - Brasil
foto do Palácio do Catete: acervo Jornal Falando de Dança

Vamos Maxixar!

capítulo 5

Fora dos salões nobres e das casas senhoriais, começava a despontar a aptidão do carioca pela boemia, com a população procurando imitar o entretenimento da corte. Isso incentivou a abertura de cafés, confeitarias, teatros de revista, cabarés, sociedades dançantes e clubes sociais.

Nos teatros de revista, dançarinos atraíam multidões para demonstrar as últimas novidades da Europa, como foi o caso dos dançarinos-atores Philipe e Carolina Caton e Da Vecchi e Farina que, na década de 1840, desencadearam uma corrida por aulas de polca, após dançarem esse novo ritmo no Teatro São Pedro (localizado onde foi erguido o Teatro João Caetano, na Praça Tiradentes). O sucesso estrondoso da polca fez com que na época a população apelidasse um surto de dengue com o nome da dança.

Nos bailes populares e nos cabarés, a polca e outras danças européias se mesclavam com o molejo das danças locais, como o lundu, assim como as músicas européias se mesclavam com os ritmos locais, sobretudo de influência africana. Nessa mistura, ora as formas de dançar se adaptavam às novas nuances musicais, ora eram os músicos que procuravam “adaptar” seu repertório ao gosto popular, desencadeando o processo de formação das danças e da música popular brasileiras.

Seguindo essa evolução natural, eis que surge a primeira dança considerada autenticamente brasileira: o maxixe. Mas enquanto o gênero musical de mesmo nome, eternizado nas composições de Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazaré, conseguia penetrar nas casas familiares disfarçado sob o nome de “tango brasileiro”, a dança maxixe, por seus requebrados e forma escandalosa de aproximação dos pares, demorou a ser aceita. Por anos a dança só foi praticada por frequentadores de cabarés e bailes malafamados, até ser apresentada e ganhar popularidade nos teatros de revista, onde permaneceu por décadas em cartaz.



Apesar da resistência, a primeira dança de par brasileira se espalhou para outros estados, sendo a base de danças atuais, notadamente o samba.

Contribuiu para isso o sucesso do dançarino Duque, que no início do século 20 levou para a Europa uma forma mais estilizada de dançar o maxixe, elaborada por ele. A dança, então, tornou-se a última moda nos cafés parisienses e nos nightclubs de Nova Iorque, figurando inclusive em romances americanos da época. A atuação do dançarino no cinema e suas excursões pela América Latina fizeram aumentar a aceitação da dança em clubes aristocráticos.

O reinado do maxixe se encerrou com a popularização do samba de par e com a febre do fox-trote e do charleston, por volta de 1920.



Ernesto Nazareth, nascido em 1863, faz par com Chiquinha Gonzaga na história da música maxixe e, indiretamente, contribuiu para a popularização da dança de mesmo nome, ao compor “tangos brasileiros” de sucesso internacional, como Bregeiro e Dengozo, cujas partituras podem ser acessadas pelo site da biblioteca do congresso americano (fotos 2 e 4, abaixo).



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taissa Dallarosa

Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão



O casal de dançarinos Joseph Smith, em manual de dança de 1914, ensinando os passos de outra dança “exótica” bastante popular na “belle époque” – o tango argentino (acervo: biblioteca digital do congresso americano)

Fox-trotter Jazz Charleston Rumba Maxixe Tango Cake-walk capítulo 6

As primeiras décadas do século 20 formam o período conhecido como “Belle Époque” brasileira. O país passava por relativa estabilidade política e sua capital, principalmente a região central, havia passado por grandes obras urbanas que demoliram cortiços, ampliaram ruas e calçadas e ergueram imponentes prédios. Jardins, fontes e estátuas ajudaram a criar a fama de “cidade maravilhosa”.

Na Europa foi uma época de grandes transformações. As mulheres estavam mais emancipadas e atrevidas, depois de terem substituído os homens em muitas tarefas durante a I Guerra Mundial (a figura da melindrosa ilustra bem essa nova postura feminina). Paris irradiava sua influência para todo mundo e ajudava a difundir danças consideradas exóticas, como o tango argentino, o charleston e o cake-walk americanos, a rumba cubana e o maxixe brasileiro.

Já os americanos influenciavam com a popularização do gramophone, com as grandes orquestras de jazz, com o fox-trotter e, posteriormente, com o estrondoso sucesso de seus filmes.

Ainda que, agora, a novidade do cinema lhe tirasse público, a dança social continuava em alta como forma de divertimento, em todas as camadas sociais, tanto que os caricaturistas das revistas Fon Fon, Careta, O Malho e Para Todos utilizavam a dança para fazer críticas aos costumes e à política.

Dançava-se em confeitarias e restaurantes. Os hotéis anunciavam bailes, dos quais os mais famosos eram os bailes de gala do Copacabana Palace e Quitandinha, em Petrópolis, sobretudo os de máscaras. Cassinos ofereciam shows internacionais e grandes orquestras para dançar, até terem suas atividades proibidas em 1946. Há quem afirme que os lançamentos de coleções em Paris no início do século 20 se guiavam pela necessidade das damas de se livrarem de espartilhos e anáguas para dançar melhor, assim como os cabelos eram encurtados para que os penteados não se desmanchassem após os frenéticos rodopios nas pistas.

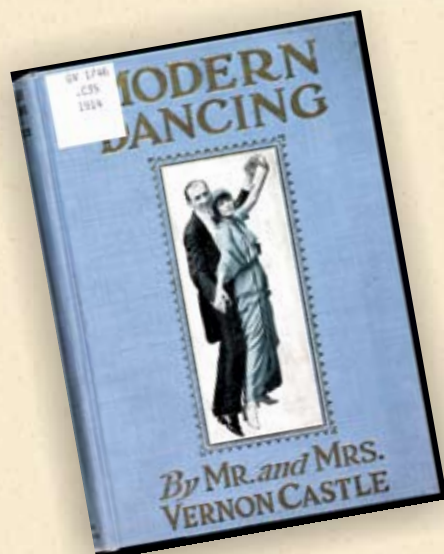


fotos em domínio público, extraídas de manuais de dança da biblioteca digital do congresso americano

Os movimentos mais saltitantes das danças latinas e norte americanas do início do séc. 20 acabaram por influenciar a moda feminina: os cabelos e as saias ficaram mais curtos e os calçados com fivelas e elásticos facilitam os volteios nas pistas (foto abaixo)



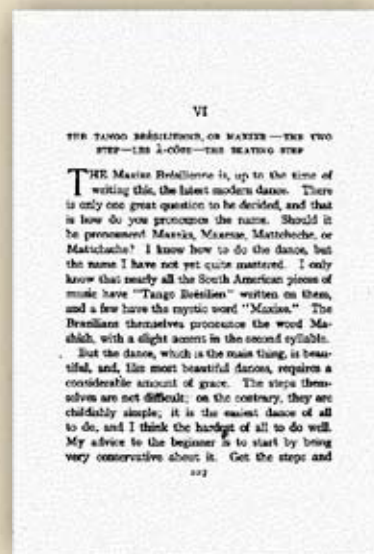
Abaixo, livro publicado pelo casal de dançarinos Vernon Castle, em 1914, com páginas dedicadas à descrição dos passos do maxixe. Numa tradução livre: “O maxixe brasileiro é, até agora, a dança mais moderna. O único problema é saber como pronunciar esse nome [...] Mas a dança em si é bastante bonita e, como toda dança bonita, necessita de boa dose de graça. Os passos não são difíceis, pelo contrário, são ingenuamente simples, é a mais fácil das danças, e penso que a mais difícil de ser executada bem...” (acervo: biblioteca digital do congresso americano)



THE SKATING STEP (BEFORE THE DIP)
The man must always remember to place his right leg in front of lady when going forward.



SEATING STEP THE MAXIXE SINGLE STEP



Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taissa Dallarosa

Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Alguns personagens da história da dança de salão brasileira

DUQUE

Antônio Lopes de Amorim Diniz (1884 - 1953), além da importante contribuição para o sucesso do maxixe na Europa e, de lá, para outros países, também atuou na divulgação de outros ritmos brasileiros, como o samba (que divulgou na Europa ao excursionar com o conjunto Os Oito Batutas, no qual tocava Pixinguinha) e o sertanejo (fundou nos anos 30 a Casa do Caboclo, que lançou artistas como Jararaca e Ratinho). Nos anos 40 foi diretor do Cassino Atlântico e se dedicou ao teatro. Em seus últimos anos investiu na carreira política.

VASCO MORAES

Com a dança de salão perdendo prestígio junto aos círculos aristocráticos, a demanda por aulas diminuiu. Continuava-se a aprender nos salões ou com professores particulares mas, segundo Maria Antonietta, somente a Academia Moraes de Dança sobreviveu com o perfil de aulas em grupo, cuja metodologia seu proprietário, Vasco Moraes, aprendera com um professor americano, quando morava em Portugal. Com o falecimento de Moraes e as obras de expansão do Centro, na década de 80, a academia fechou e Maria Antonietta, que lá trabalhava, passou a dar aulas particulares.



Dança de Salão Coisa de Malandro

A partir de 1950, com o surgimento do rock e o sucesso de artistas como Elvis Presley e Bill Haley e seus Cometas, a dança americana conquistou os jovens dos grandes centros urbanos.

O rock aos poucos deixa de ser dança de par e evolui para uma dança solta, conduzindo ao twist, funk, disco, house e techno.

A dança de salão parecia esquecida, mas não desapareceu. Ela sobreviveu nos bailes de debutantes, de formatura e de comemorações especiais dos clubes sociais elitizados – e, sobretudo, nas gafieiras e clubes populares dos subúrbios. Porém não deixou de sofrer influência dos novos ritmos.

No final da década de 1950 dançarinos cariocas incorporaram ao samba de salão movimentos e passos aéreos originários do rock e ganharam fama, se exibindo em shows, no Brasil e no exterior. Já em São Paulo, a mesma influência dos ritmos americanos vai originar uma outra vertente de samba de salão: o samba-rock.

De norte a sul do país, danças de par, interiorizadas a partir do Rio, mesclaram-se com os costumes locais e a cultura de nova leva de colonos que aportaram no Brasil na primeira metade do século 20. Daí nasceram, então, danças de salão típicas, como a lambada no norte, o forró no nordeste, o vaneirão no sul e centro-oeste.

No sudeste, o bolero foi adquirindo novos movimentos a ponto de passar a ser chamado de bolero brasileiro. Já o rock-n-roll e o fox fundiram-se numa maneira de dançar usada em qualquer música swingada: o “soltinho”.

A dança de salão comprovava ser uma cultura viva, evoluindo dentro de seu meio social.

No entanto, o rock e a disco music representaram um grande golpe para a cultura da dança de salão. Nas grandes cidades, cujos meios de comunicação de massa influenciam o comportamento social, a dança de salão passou a ser associada a algo fora de moda. A intensa propaganda, com foco nos novos ritmos e artistas que iam surgindo, contribuiu para fixar essa ideia e a figura do malandro da Lapa, de chapéu e terno branco, firmou-se no imaginário popular.

MARIO JORGE e JACIRA

Quando o rock chegou ao Brasil, em 1950, Mário Jorge, nascido em 1939, já era exímio dançarino. Aprendeu a dançar bem o ritmo e participou de dez filmes sobre o tema. Mas sua especialidade foi o samba. Ao

lado de Jacira Miranda, conhecida na dança como Mudinha (era surda-muda), fez shows em todo o Brasil. Fez temporadas no Uruguai, Inglaterra e Estados Unidos e foi contratado de Carlos Machado para atuar em seus

espetáculos de dança. Professor de dança em São Paulo e Argentina, deve-se a ele muitas das figuras hoje tradicionais no samba de salão, como a bicicleta, o pica-pau, a casca de banana, o jacaré e o sabiá (“eu sabia fazer porque era bamba no

rock e o rock já jogava a dama para o alto”). Vítima de um acidente que lhe deixou sequelas, Mário Jorge parou de dançar profissionalmente e hoje frequenta os salões socialmente, onde é reverenciado e recebe muitas homenagens.

MARIA ANTONIETTA

“Eu era a última dos moicanos, todos queriam saber o que aconteceu com a dança de salão, com as academias de dança”.

Assim Maria Antonietta (1927-2009) explicava, bem humorada, porque era o centro das atenções de jornalistas e pesquisadores.

Após ser “descoberta” pela mídia, deu aulas na Escola de Teatro Martins Penna e depois na Escola de Dança Maria Olenewa. Por mais de 20 anos deu aulas de dança na Estudantina.

Brilhava também nas domingueiras do Circo Voador (1982-1996), na Lapa, onde sua neta de 5 anos se apresentou pela primeira vez, incentivando os pais a matricularem seus filhos em academias de dança.

Através dela muitos profissionais de dança de salão foram apresentados ao meio artístico teatral e televisivo.

Nas palavras de Jaime Arôxa, “Ela foi o elo de ligação entre o passado e o presente, pois, em uma época em que as danceterias proliferavam, promovendo o afastamento dos pares, foi ela a responsável pelo resgate da importância da dança de salão. Não bastasse esse fato, ela também representa, na sua essência, a mais viva expressão da dança”.



Mário Jorge e Jacira em dois momentos da carreira: na foto maior à esquerda, nos bastidores do Hotel Serrador e, acima, posando para a capa da revista Manchete

(fotos do acervo pessoal de Mário Jorge)

Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:

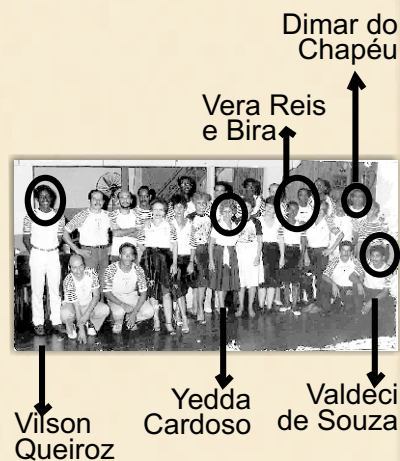


Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa



Ao final da década de 1980, o segmento cultural da dança de salão começou a despertar o interesse da grande mídia e a curiosidade do público em geral. Mas a ideia de que esse tipo de dança é coisa do passado está tão enraizada no imaginário popular que bailes fora do circuito da comunidade são apresentados com títulos sugestivos como “Anos dourados” ou “Dançando no tempo”, como no tiquete acima, de 1991.

(acervo: Jaime Arôxa)



Na década de 1980 existiam os dançarinos “de raiz”, que aprendiam a dançar nos bailes, e os de academia. Muitos que se destacavam nas pistas eram convidados a integrar a equipe da professora Yedda Cardoso, cuja academia funcionou no Clube dos Democráticos, e se tornaram referência na dança de salão da atualidade.

(foto: acervo família Yedda Cardoso)

Dança de Salão^o grande Retorno

capítulo 8

A dança de pares enlaçados continuou sendo cultivada em clubes sociais, cabarés e gafieiras, ofuscada pelo sucesso, nas rádios e nas mídias televisivas e impressas, de ritmos que estimulavam a dança solta, como a discomusic, o rock nacional e o axémusic.

No Rio de Janeiro, contribuíram para a preservação dessa manifestação cultural, e foram palcos do lançamento de muitos artistas da MPB, os clubes dos subúrbios e as gafieiras, das quais duas ainda em atividade: a Elite, fundada em 1930, e o Clube Recreativo Tiradentes, mais conhecido como Estudantina, fundado em 1978 ao lado das ruínas da antiga gafieira de mesmo nome.

Além desses locais, bem conhecidos pelos boêmios cariocas, as domingueiras do Circo Voador (1982 – 1996) serviram de vitrine para atrair quem pensava que a dança de salão não existisse mais .

A partir de fins de 1980, novas circunstâncias recolocaram a dança de pares enlaçados em destaque na mídia e começaram a atrair as gerações que antes só conheciam a dança solta.

A começar pelo sucesso do grupo Kaoma, que fez o Brasil e o mundo conhecer uma dança a dois muito popular no norte do país, a lambada. O ritmo e a dança foram temas de filmes e muito divulgados pelas emissoras de rádio e TV. Sedimentou a carreira de artistas que excursionavam pelo Brasil tendo dançarinos de salão se exibindo nas apresentações. Muitos professores de dança de salão iniciaram suas carreiras atraídos pela lambada, hoje repaginada sob a denominação de zouk ou lambazouk.

Passada a febre da lambada, foi a vez do forró nordestino conquistar jovens das outras regiões do país, em fins de 1990. Por seus passos básicos simples, é um ritmo hoje conhecido e praticado em todo o país, mesmo por aqueles que dizem não apreciar a dança de salão.

Mais recentemente, o sertanejo universitário vem se destacando, sobretudo no interior de São Paulo e no centro-oeste do país (“não dance forró na música sertaneja”, é o lema).

As novelas também exerceram poder de convencimento, ao colocarem a dança de salão em suas aberturas (Salsa e Merenge e Kananga do Japão são exemplos) ou enredo (como O Clone e, mais recentemente, Caminho das Índias, focando o ambiente das gafieiras).

Vários filmes americanos, como Dirty Dancing, retomaram o filão dos musicais ou enredos baseados na dança a dois e, já no século 21, quadros televisivos com concursos de dança garantem ibope na programação de emissoras de todo o mundo.



Indiscutível a importância que tiveram as domingueiras do Circo Voador, para fazer com que a dança de salão chamasse a atenção fora da comunidade de seus praticantes. Acima, as duas reportagens são prova disso. Nota-se nos textos uma certa surpresa pela existência da dança de salão e por ela estar inserida em um espaço usado por artistas de repertório mais “pop”. Outro detalhe é sempre nomear o dançarino de salão como um pé-de-valsa, fazendo menção a uma dança do século 19 que hoje em dia só é executada em momentos cerimoniais, como casamentos.

(acervo: Jaime Arôxa)



Cartaz de divulgação do filme Take the Lead, de 2006 (Dança Comigo, na versão brasileira): o lançamento de filmes tendo como base a dança de salão impulsionou a procura por aulas de dança.

Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa

Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão

TRÊS MARCOS DA DANÇA DE SALÃO DA ATUALIDADE

Muitos exímios dançarinos hipnotizaram gerações e as trouxeram para o mundo da dança de salão. Muitos clubes e gafieiras ofereceram o ambiente indispensável para sua propagação. Maria Antonietta teve grande importância ao atuar como a primeira-dama da dança de salão carioca e, por seu intermédio, muitos conseguiram contatos profissionais que ajudaram em suas carreiras. O espaço aqui não comportaria mencionar todos os nomes que direta ou indiretamente fizeram parte da trajetória desses duzentos anos da dança de salão. Porém, no que se refere às últimas 3 décadas, três nomes tiveram participação importante como multiplicadores de novos praticantes, expectadores ou professores.

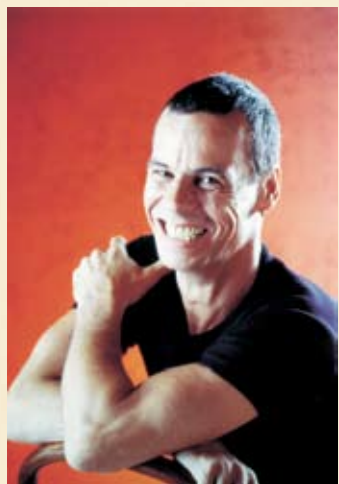


foto: divulgação

CARLINHOS DE JESUS

Carioca nascido em 1953 e criado no subúrbio de Cavalcante, Carlinhos aprendeu a dançar nas pistas, como a maioria de sua época, mas foi mais além: tornou-se o embaixador da dança de salão, ao vincular sua imagem à essa manifestação cultural. Seu depoimento está gravado no projeto "Memória do Povo da Dança do Samba", no Museu da Imagem e do Som, e foi o único dançarino popular com participação especial no Rock in Rio, em 1991. Trabalhou em filmes, novelas, peças teatrais e shows, atuando ou coreografando, sempre com foco na dança de salão. Seu bloco, Dois Pra Lá, Dois Pra Cá, sai desde 1991, lembrando, em pleno reinado de Momo, que a dança de salão tem vez até no Carnaval.

Dança de Salão cultura viva

capítulo 9

As danças originais do século 19 somente a valsa sobreviveu, mantendo seu tom cerimonioso. A mãe de todas as danças de pares enlaçados ainda é a mais nobre das danças, executada em ocasiões especiais como aniversários e casamentos. As demais misturaram-se com danças mais populares, com a musicalidade e expressão corporal de colonos e povos colonizados, e caíram em desuso. Traços delas, porém, podem ser percebidos em nossas danças folclóricas e populares.

Do minueto, restaram as mesuras e os trajes do mestre-sala e da porta-bandeira de nossas escolas de samba. A quadrilha, muito executada nos casamentos reais, virou folclore: a figura dos noivos foi mantida, mas os comandos em francês foram aportuguesados e os tecidos nobres enfeitados por jóias foram substituídos por chita e lacinhos. A polca, misturada ao lundu e outras danças, deu origem ao maxixe, que por sua vez serviu de base a outras danças regionais brasileiras, como o forró nordestino e o samba de salão carioca.

Ao completar 200 anos do primeiro anúncio de aulas, a dança de salão no Brasil alcançou patamares antes inimagináveis. Deixou de ser entretenimento de elite e passou a ser classificada como "danças populares".

Mas é, também, uma manifestação artística, ao ser contextualizada com esse propósito, em festivais, no teatro, no cinema, em espetáculos de dança ou apresentações para público selecionado.

Milhares de profissionais de dança dela tiram seu sustento, quer no setor de entretenimento, quer na área do ensino em cursos livres. Educadores e programas sociais a utilizam como ferramenta para a socialização. Profissionais de saúde a recomendam para a melhora do condicionamento físico e para o aumento da autoestima.

Sobretudo, ao extrapolar os salões da corte portuguesa e invadir as casas senhoriais, cafés, cabarés, teatros e clubes sociais da cidade do Rio de Janeiro, e desta para todo o país, a dança de salão transformou-se em manifestação cultural com características próprias da nossa terra.

Hoje, nossos profissionais da dança trilham o caminho inverso de Luís Lacombe, e levam para outros países o soltinho, o bolero brasileiro, o samba de salão, a lambada e o forró, cada vez mais apreciados.

Por fim, no estado em que ela se desenvolveu e no qual exerceu maior influência, a dança de salão teve sua importância sócio-cultural reconhecida, e foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, pela Lei Estadual 5828/2010.

foto: André Lima



JAIME ARÔXA

Antes dele, aprendia-se dançando. No salão, com pessoas mais experientes, ou em academias que usavam o método da cadeira: um grupo de instrutores seguia uma ordem de chegada dos alunos e fazia um rodízio. Jaime Arôxa, pernambucano nascido em 1961, revolucionou a metodologia de ensino, não só pela didática desenvolvida, mas por possibilitar que um só professor coordenasse um grande número de alunos, que formavam pares entre si. Foi e é, portanto, um grande multiplicador de praticantes da dança de salão. Além disso, mantém curso regular de formação de professores, que se espalham por todo o país, e possui extensa carreira como coreógrafo e/ou dançarino em shows, filmes, novelas e teatro.



foto: André Lima

JIMMY DE OLIVEIRA

Conseguiu atrair grande número de jovens para a dança de salão, ao saber mesclar o samba tradicional com os movimentos funkeados que tanto encantam as novas gerações. Observando-se a forma de dançar de seus seguidores - e as polêmicas levantadas em torno dela -, pode-se especular que seu samba funkeado está para a dança de salão da atualidade assim como o maxixe esteve para a dança de salão da virada do século 19 para o século 20.

Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa

Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão

CONHEÇA ALGUNS FAMOSOS SALÕES DE BAILE



CL. VERA CRUZ



CL. DEMOCRÁTICOS



AMÉRICA A. C.



S. CRISTÓVÃO IMPERIAL



IRAJÁ A. C.



CL. MAUÁ S. G.



HELÊNICO A. C.

Curiosidades da Dança Salão

capítulo 10 de

Por volta de 1880 surge o choro no Rio de Janeiro, através de pequenos grupos instrumentais. As festas das quais os chorões participavam eram chamadas de pagodes.

O primeiro tango no Palácio do Catete aconteceu durante uma recepção oficial nos últimos dias da gestão do presidente Hermes da Fonseca, em 1914, organizada pela primeira dama Nair de Teffé. Na realidade era um maxixe disfarçado, chamado Corta-Jaca, de autoria de Chiquinha Gonzaga. Maxixe ou tango, a reputação de ambos era muito ruim à época. No dia seguinte, Rui Barbosa vociferava contra a escolha musical, em discurso no Senado: "A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens".

O entrudo era um agressivo festejo carnavalesco em que as pessoas eram atingidas por farinha e líquidos suspeitos. A polícia em vão tentava reprimi-lo, mas a população só foi abandonando sua prática depois que encontrou outra motivação: imitar os bailes de máscaras promovidos nos salões aristocráticos, à semelhança dos que aconteciam em Veneza e Paris.

O Imperial Teatro D. Pedro II, depois Teatro Lírico, foi inaugurado em 19/02/1871 com um grande baile de máscaras. O teatro, demolido em 1886, ficava onde está hoje a Av. Treze de Maio.

As máscaras e roupas para os bailes carnavalescos eram importadas e caríssimas. Quem podia pagar por elas, fazia questão de ostentá-las em carruagens abertas em direção aos bailes. O desfile de carruagens e, mais tarde, de automóveis, levando os foliões aos seus destinos, com o tempo tomou a forma do desfile de corsos, embrião dos carros alegóricos de nossos carnavais.

O Clube dos Democráticos foi fundado em janeiro de 1867 com o dinheiro de um prêmio de loteria, com extração no dia de Nossa Senhora da Glória. Um grupo de boêmios fez a "vaquinha" para comprar o bilhete, se comprometendo, caso eles fossem contemplados com o prêmio, a fundar uma sociedade carnavalesca. Os bailes carnavalescos do clube eram famosos no Rio Antigo e seus desfiles pelas ruas, em carros, arrastavam multidões. Conta-se que o Imperador dom Pedro II só saía para os festejos depois do desfile do Democráticos passar pelo Paço Imperial. O Baile da Glória, em homenagem à Santa padroeira, no mês de agosto, era notícia na cidade, com os convidados comparecendo em trajes de gala. A fase das grandes sociedades carnavalescas passou (elas cederam lugar às escolas de samba), mas o clube ainda mantém seu tradicional baile social aos domingos e o Baile da Glória ainda é realizado, 144 anos depois, com missa no Hall dos Grandes Beneméritos, onde está a estátua da santa de mesmo nome, trazida de Portugal por seus fundadores.

Assim como os hotéis e as sociedades dançantes, também os cassinos promoviam grandes bailes de dança de salão. Muitos se localizavam nos arredores da atual Praça Tiradentes. O Cassino Franco Brasileiro foi um deles. Inaugurado em 1872, seria transformado, em 1880, no Teatro Sant'Anna e, em 1905, no atual Teatro Carlos Gomes.

Outro palco de muitos bailes foi a Sociedade Musical Progresso de Bangu, criada em 1892, e que possuía uma banda formada por operários da Fábrica de Tecidos Bangu. A Sociedade originou o Cassino Bangu, cujo prédio, inaugurado em 1907, abriga hoje o Bangu Atlético Club.

Em 1910 foi fundado o rancho Kananga do Japão, que depois passou a ser uma importante sociedade dançante.

Conta a lenda que, em 1917, um grupo de sócios deixou o Clube dos Democráticos, passando a se encontrar no Bar Nacional (atual Edifício Avenida Central) e, entre chopes e bravatas carnavalescas, resolveu fundar um "Cordão", o do Bola Preta, em homenagem ao vestido de uma mulata que passava na hora. Na dança de salão carioca, o Bola foi um famoso ponto de encontro, sempre com grandes bandas, até que em 2008, quando completava 90 anos de existência, foi despejado de sua sede social por falta de pagamento de taxas condominiais. Em acordo com a Prefeitura, está com nova sede na Lapa, em prédio da Rio Trilhos, mas seus bailes de dança de salão foram suspensos.

Outro clube que deixou saudades entre os pés-de-valsa cariocas foi o Clube Sírio Libanês, em Botafogo. Fundado em 1937 e famoso nos áureos tempos de bailes de gala de Carnaval e desfiles de fantasias, o Clube era o xodó dos dançarinos, que freqüentavam suas domingueiras. Em março de 2007, aos 70 anos de fundação, o terreno foi vendido a uma construtora.

O Fluminense F. C. foi o primeiro clube de futebol da cidade, fundado no palacete de Horácio da Costa Santos, em 21/07/1902, durante um encontro entre vinte jovens abastados da sociedade carioca (daí a fama de clube de elite). Seus bailes de casamento, formatura, debutante e de comemorações especiais (como o aniversário do clube), eram eventos cujos convites eram disputadíssimos entre os amantes da dança de salão, numa época em que não existiam bailes regulares de dança, nem os bailinhos de academia. Hoje seus bailes de dança de salão não são regulares.

A mais antiga academia de dança de salão de que se tem notícia na cidade foi fundada em 1943, pelo professor Vasco Barros de Moraes – a Academia Moraes de Dança de Salão. Ele a manteve por quarenta anos, até que o plano de urbanização do Largo da Carioca levou à demolição da academia e de outras construções no entorno.

O Amarelinho da Cinelândia, fundado em 1921, fica na área onde existia, até princípios do século 20, o Convento de Nossa Senhora da Ajuda, construído em 1750 para receber as freiras da Ordem da Imaculada Conceição, criada na Espanha no século 15 e a primeira instituição religiosa feminina do Brasil. O Amarelinho era programa freqüente na agenda do boêmio carioca, no grande apogeu da Cinelândia. No filme Notorius, de Alfred Hitchcock, rodado em 1946, os famosos atores de Hollywood Cary Grant e Ingrid Bergman aparecem namorando no Amarelinho, em cena ambientada no Rio. Detalhe: tudo cenário, eles nunca estiveram por aqui.

Aliás, o Rio sempre despertou a atenção dos grandes estúdios, por sua exuberância natural e vivacidade de seus habitantes. Não à toa, foi cenário de vários filmes estrangeiros, alguns com cenas hilariantes, como a cena de ação de James Bond no bondinho do Pão de Açúcar, ou a cena em que Jean-Paul Belmondo, tendo vindo ao Rio atrás da namorada, toma conhecimento de que ela estaria em Brasília. Sem titubear, ele pega um táxi nos Arcos da Lapa e diz "Vamos para Brasília!". E lá foram eles.

E aqui ficamos nós, por absoluta falta de espaço, pois histórias há muitas para contar!



ESTUDANTINA



AMARELINHO



VILA DA FEIRA



CANTO DO RIO



OLYMPICO CLUB



PARATODOS DA PAVUNA



S. C. MACKENZIE

FOTOS: ACERVO JORNAL FALANDO DE DANÇA

Patrocínio:



SECRETARIA DE CULTURA



Apoio:



Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão
Coordenação do projeto: Valdeci de Souza - Concepção e pesquisa: Leonor Costa
Apoio técnico: João Batista da Silva - Apoio administrativo: Antônio Aragão
Produção cultural: Taíssa Dallarosa

I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Equipe e colaboradores



Coordenação Geral: Valdeci de Souza

Valdeci de Souza atua no segmento cultural da dança de salão desde a década de 80, tendo inaugurado sua primeira academia, em Niterói, em 1987. Atualmente possui o Studio de Dança Valdeci de Souza, em Botafogo, Rio de Janeiro. Além de ministrar aulas de dança, Valdeci atua como produtor cultural, realizando eventos de bailados em vários clubes da cidade, tendo sido famosas as domingueiras dançantes promovidas na sede social do Clube Sírio Libanês até 2007, ano em que o clube transferiu-se para a Barra. A partir daí passou a realizar eventos dançantes no Fluminense Football Club e no Helênico Atlético Club. Além de jurado em concursos de dança de salão e ministrante em congressos de dança, Valdeci participa, como ator e dançarino, de espetáculos de dança (como o espetáculo "Tango Glamour", realizado em 2007 no Teatro dos Quatro, Shopping da Gávea, RJ), de filmes ("Romance da Empregada", de Bruno Barreto, e "Si tu vais a Rio", de Philippe Claire), de novelas ("O Clone", "América", "Caminho das Índias") e minisséries ("Amazonas"). Preside o grupo de dança "Os Mais da Gafieira", que resgata a essência do samba de gafieira.



Pesquisadora e projetista: Leonor Costa

Advogada e jornalista, atua no seguimento desde 2005 e foi eleita suplente de delegado para a Pré-Conferência Setorial de Cultura (realizada em 03/2010, em Brasília). Em julho de 2009, ajudou a realizar, na UERJ, o I Congresso de Dancesport do RJ. Em março de 2010, participou do GT nomeado pelo Presidente da Comissão de Cultura da ALERJ, Dep. Alessandro Molon, para a elaboração do Progr de Trabalho para a Semana da Dança de Salão/RJ – 2010, evento inserido no calendário cultural do Estado pela Lei 3440/2000. Nos últimos anos, vem aprofundando suas pesquisas nas origens e no desenvolvimento da dança de salão brasileira, a partir das influências políticas, econômicas e socioculturais na população do RJ no início do século XIX, o que originou uma série de reportagens publicadas no Jornal Falando de Dança e o projeto da exposição dos 200 anos da dança de salão no Brasil, da qual é curadora.



Apoio administrativos: Antônio Aragão

Jornalista e funcionário público aposentado do Ministério das Relações Exteriores da Grécia, tem-se aprofundado nas questões de políticas públicas para a cultura, com foco na dança, tema de seus mais recentes artigos no Jornal Falando de Dança. Ajudou a realizar o I Congresso de Dancesport do RJ (UERJ/2009). Participou e votou na Setorial de Dança que elegeu seus pré-candidatos para disputarem vaga de delegado na I Con-

ferência Municipal de Cultura do RJ (realizada em novembro/2009). Participou da I Pré-Conferência Municipal de Cultura (dezembro/2009) e da II Pré-Conferência Estadual de Cultura (janeiro/2010). Participou e votou na Setorial de Dança do dia 19/02/10, para eleição dos delegados e suplentes que representariam a dança na Pré-Conferência Setorial de Dança, realizada de 07 a 09/03/2010, em Brasília. Como representante da imprensa da dança, participou como observador nas reuniões do GT elaborador do Programa de Trabalho da Semana da Dança de Salão do ERJ (Lei 3440/2000).



Apoio técnico / orientação pedagógica: João Batista da Silva

João Batista é prof. de dança de salão e de educação física da rede municipal de ensino, com pós-graduação em treinamento desportivo e judô & pedagogo, habilitado em gestão escolar, orientação e educacional e supervisão escolar, com pós-graduação em metodologia do ensino superior. É conselheiro da APDS-RJ (Associação dos Profissionais e Dançarinos de Salão do RJ), foi delegado em N. Iguaçu do SPDRJ (Sindicato dos Profissionais de Dança do RJ) e é filiado à Confederação Brasileira de Dança Esportiva, cujo I Congresso no RJ (UERJ/2009) ajudou a organizar. Votou na Setorial de Dança que elegeu seus pré-candidatos para disputarem vaga de Delegado na I Conferência Municipal de Cultura do RJ. Supervisionou a I Mostra de Dança de Salão de Duque de Caxias no Teatro Raul Cortes (11/2009). Em 03/2010, participou do Grupo Trabalho nomeado pelo Presidente da Comissão de Cultura da ALERJ, Deputado Alessandro Molon, para a elaboração do Programa de Trabalho para a Semana da Dança de Salão do Estado do RJ/2010, evento inserido no calendário cultural do Estado pela Lei 3440/2000. Realizou a I Mostra Infanto-juvenil de Dança de Salão, no Centro de Artes Calouste Gulbenkian (12/2010).



Produtora cultural: Taíssa Dallarosa

Taíssa é produtora cultural graduada em produções e políticas públicas culturais pela Faculdade Cândido Mendes, tendo estagiado na Secretaria Estadual de Cultura do RJ, no setor PEC (Plano Estadual de Cultura) e trabalhado na Pré-Conferência Estadual de Cultura do Rio de Janeiro.



Assessora de imprensa: Juliana Prestes

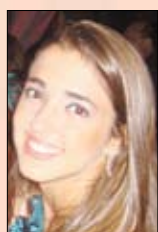
Juliana é jornalista atuante na assessoria de comunicação da Marinha.

I Prêmio Cultura da Dança de Salão

Equipe e colaboradores

Projeto Comunidança – EEFD – UFRJ

O projeto surgiu em 2005 por iniciativa de alunos do Curso de Bacharelado em Dança e Educação Física da UFRJ (um dos quatro cursos públicos de graduação em dança no Brasil) e hoje oferece aulas de diferentes modalidades de dança a alunos, professores e funcionários da UFRJ. O Comunidança tem como coordenadores os profs. Katya Gualter e Frank Wilson, do Departamento de Arte Corporal. Erika Louise, Marcela Brasil e Marvio Marques são os monitores bolsistas e os monitores voluntários são: Bruna Assumpção, Bruna Gouveia, Bruno Pontes, Erickson Borges, Iara Capurro, Iara Cassano, Janine Messina, Luciane Silva, Marisol Guilherme, Mayara Assis, Pedro Nametala, Reginaldo Honorato, Roberta Dias, Thaís Ventura, Thayssa Machado e Tulani Pereira. Abaixo, os integrantes do Comunidança que se inscreveram para atuar como dinamizadores do projeto.



Bruna Gouvêa - Graduando o 1º Período do Bacharelado em Dança da UFRJ



Brunna Assumpção - Graduando o 1º Período em Graduação em Dança pela UFRJ



Erickson Fernandes - Formado em Licenciatura Plena em Ed. Física pela UFRJ, atua como prof. nas ac. Universidança e Marques Gym e auxilia nas aulas do Espaço Improviso



Erika Louise Porto - Graduando o 11º período do Bacharelado em Dança da UFRJ, foi bolsista do Studio Marcello Moragas Dança



Iara Cassano - Graduanda em Bach. em Dança na UFRJ, intérprete da Cia Jimmy, prof. de ds Ac. Jimmy de Oliveira, assistente de prod. da Cia Folclórica do Rio – UFRJ e produtora do Grupo Barravento



Marcela Brasil - Graduando 11º período Bacharelado em Dança pela UFRJ, bolsista do Studio de Dança Rejane Ribeiro



Marisol Guilherme - Cursando 1º Período de Bacharelado em Teoria da Dança pela UFRJ



Marvio dos Santos Marques - Graduando 5º Período em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFRJ e assistente na E. D. J. Arôxa Ipanema



Mayara Souza - Graduando o 1º Período do Bacharelado em Dança da UFRJ



Thayssa Machado - Graduando 5º período do Bacharelado em dança pela UFRJ, dá aula de dança no Projeto Mais Educação ministrado pela Pref. de Niterói.

CQID - SPDRJ

O Curso de Qualificação para Instrutores de Dança é um curso livre realizado pelo Sindicato dos Profissionais da Dança do Estado do RJ com vistas ao aprimoramento técnico dos profissionais majoritariamente atuantes na área de ensino. Atualmente o SPDRJ tem duas turmas de CQID de dança de salão. Dos cursistas inscritos no Projeto Prêmio Cultura da Dança de Salão, cinco atuaram como dinamizadores (todos professores de dança de salão). Sendo que Aletheia Hoppe, diretora da Amazonas Dance, trouxe ainda 3 bolsistas de sua academia no dia em que ministrou as oficinas de dança da exposição.



Aletheia Hoppe



José Jorge



Max Boente



Silvana Leite



Márcia Coelho

Até o fechamento desta edição, aguardavam agendamento de mais visitas guiadas para serem chamados: Fabiano e Wellington Oliveira (ambos de Itaguái), Rosenberg (Duque de Caxias), Ana Carla Coimbra, Carlos Molina, Alexandre Souza, Jocivaldo Ferreira e Carla Maria Xavier.

Mais voluntários

Na parte de apoio às atividades audiovisuais do projeto, atuaram como voluntários:



Marilza Borges, profª aposentada da rede pública de ensino, atuou na coordenação dos grupos de alunos



Vitor Luiz, no 2º período do curso de história da Univ. Estácio de Sá auxiliou nas visitas guiadas



Nalini Castro, no 7º período de prod. cultural da UFF, recepcionou os visitantes



Nikolas Sinopoulos atuou como assistente de produção



Anderson Gomes de Aragão prestou suporte de informática

André Lima, da Studio Digital, é o fotógrafo oficial do Projeto I Prêmio Cultura da Dança de Salão



I Prêmio Cultura da Dança de Salão *Portfólio*



I Prêmio Cultura da Dança de Salão *Portfólio*



I PRÊMIO CULTURA DA DANÇA DE SALÃO

ANO DO BICENTENÁRIO

HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manuel da Silva
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas
De um povo heróico o brado retumbante,
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.
Se o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó Liberdade,
Desafia o nosso peito a própria morte!
Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido
De amor e de esperança à terra desce,
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.
Gigante pela própria natureza,
És belo, és forte, impávido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza
Terra adorada, Entre outras mil,
És tu, Brasil, Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do Novo Mundo!
Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".
Ó Pátria amada, Idolatrada, Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro desta flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.
Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.
Terra adorada, Entre outras mil,
És tu, Brasil, Ó Pátria amada!
Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Pátria amada, Brasil!

A primeira execução do HINO NACIONAL BRASILEIRO data de 13/04/1831 e, desde então, é a música mais executada em solenidades especiais.



Coordenação do projeto:
Valdeci de Souza

Pesquisadora / projetista:
Leonor Costa

Apoio técnico:
João Batista da Silva

Apoio administrativo:
Antônio Aragão

Produção Cultural:
Taíssa Dallarosa

Patrocínio:



SECRETARIA
DE CULTURA

SOMANDO FORÇAS



Apoio:

